

# Pontes antigas

**I** Ao abordar o tema "Pontes antigas" pretende-se chamar a atenção para aquelas pontes que têm resistido melhor ou pior à acção do tempo e que fazem parte do nosso património histórico, cultural e artístico e dum modo especial aquelas que mereceram ser protegidas e classificadas pelos organismos oficiais, ou que estão em vias de o ser.

Verdadeiras obras de arte que chegaram aos nossos dias, algumas com mais de 20 séculos de existência, encontram-se espalhadas pelo país quer em bom estado de conservação quer em progressiva e lenta degradação e que a nós e às gerações vindouras compete manter e beneficiar.

A sua classificação e protecção que diz respeito aos organismos responsáveis pelas obras públicas que zelam pelo nosso património artístico e cultural, tem sido levada a cabo desde os princípios do século passado. Este processo de classificação de pontes antigas, insere-se num processo mais vasto que engloba as mais diversas obras de arquitectura civil pública, religiosa e militar desde épocas anteriores ao domínio romano na península. Nesta classificação estão incluídas pontes de pedra do tempo dos romanos, pontes medievais e pontes mais recentes a que são atribuídas pelos organismos oficiais as classificações de "monumento nacional", "imóvel de interesse público" e "imóvel de interesse concelhio".

**II** A história das pontes revela-nos que desde tempos imemoriais, os povos primitivos viviam isolados em cavernas sem possibilidade de comunicações fáceis com outras comunidades humanas. Os rios e os vales profundos não eram facilmente transponíveis.

Mas o Homem foi progredindo e, com o recurso aos materiais que a natureza lhe oferecia foi descobrindo meios para transpor esses obstáculos. Com a madeira o Homem foi construindo pontes rudimentares com troncos de árvore ligados entre si. A técnica de construção destas pontes foi-se aperfeiçoando e o Homem foi alargando os seus conhecimentos no contacto com outros povos de outras comunidades. Todavia, as pontes de madeira cedo se revelaram inseguras e, ou eram levadas pelas cheias ou eram consumidas pelo fogo e o Homem precisava de pontes seguras e duradouras.

Entretanto nas civilizações orientais e dum modo especial na Grécia Antiga aparecem belas construções em pedra que os gregos edificavam em honra dos seus deuses, mas no capítulo de pontes, pouco ou nada se fazia.

**III** No início do Império Romano, mesmo para as campanhas militares, as pontes de madeira apoiadas em pilares de pedra, associadas ou não a pontes de barcos foram muito usadas, mas a breve trecho e talvez na sequência das construções de pedra gregas e tirando partido do arco perfeito, apareceram as "pontes de pedra" que atingiram um grande desenvolvimento nas regiões dominadas pelos romanos. As principais pontes de pedra construídas na Península pelos romanos tiveram lugar já no início da era cristã ou finais da época anterior (século I aC).

Fazendo agora um pequeno parentesis, é justo recordar que antes do domínio romano na Península os celtas vindos do Norte da Europa, construíram também pontes de pedra em que o elemento resistente não era um arco



*Ponte celta na região de Castro Laboreiro, distrito de Viana do Castelo.*

perfeito, mas um "V" invertido; são as denominadas pontes celtas, segundo alguns historiadores, que eram utilizadas em zonas altas de montanha na travessia de pequenas linhas de água. Encontrámos há poucos anos uma ponte celta na região de Castro Laboreiro.

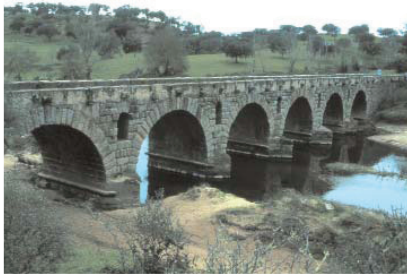
Voltando agora às pontes de pedra que os romanos construíram com uma técnica apurada nos países ou regiões que iam ocupando, pode afirmar-se que elas em muito contribuíram para tornar eficaz a utilização da extensa rede de estradas do império estabelecendo uma comunicação rápida e segura de todas as províncias com a capital do império, Roma. E de tal modo se impuseram nos territórios ocupados que se podia afirmar que os romanos vinham para ficar.

Ao aplicarem o arco e a abóbada na técnica da construção de pontes para ultrapassar obstáculos considerados difíceis, os romanos contribuíram para a execução de pontes válidas e seguras que deixaram uma marca indelével na história das pontes de pedra. De tal forma esta designação de pontes de pedra se tornou familiar nos povos dominados, que nas povoações ou lugares onde há uma ponte antiga, essa ponte ainda mantém na toponímia

local esse nome. É o caso de algumas das nossas pontes antigas, como a Ponte de Pedra sobre o rio Tuela (Bragança), a Ponte de Pedra sobre a ribeira da Venda (Portalegre), a Ponte Pedrinha sobre o rio Beça (Vila Real), a Ponte de Pedra sobre a a ribeira da Isna (Castelo Branco) e outras.

A recomendação estética da utilização de um número ímpar de vãos nas pontes de pedra é atribuída aos romanos. Todavia nem sempre foi possível respeitar essa recomendação por razões de topografia local. É o caso da Ponte de Vila Formosa (Portalegre) e da Ponte de Alcântara sobre o Tejo (Espanha) com seis vãos cada uma.

Outra particularidade que tinham as pontes romanas em arco perfeito refere-se à ausência



*Ponte de Vila Formosa, concelho de Alter do Chão, distrito de Portalegre.*

de argamassa de interposição nas pedras dos silhares dos arcos (aduelas) e este modo de execução só era possível devido à perfeição e rigor com que os romanos talhavam a pedra.

**IV** Com a queda do império romano do Ocidente e o advento da Idade Média em meados do século V dC, deixou de ter sentido o rigor e a perfeição do arco romano de volta inteira e as invasões bárbaras trouxeram consigo um retrocesso significativo na construção de pontes de pedra. Sobreveio o estilo românico com a utilização de arcos de pequenos vãos. Recentemente visitamos em Roma o velho Panteão

que acabava de sofrer obras de beneficiação. Que perfeição a execução daquela cúpula de 42 metros de altura e igual diâmetro, se nos lembramos que tinha sido construída 8 séculos antes das primeiras pontes românicas do início da Idade Média!...

Nas pontes medievais, os arcos são em geral de três centros levemente apontados (ogivais) e as aduelas são mais estreitas. Já não há tanto a preocupação pela simetria e as pontes são tam-



*Ponte de Ucanha, concelho de Tarouca, distrito de Viseu.*

bém em geral mais estreitas. Em certos locais as pontes eram fortificadas, isto é, dotadas de torres de defesa militar. É o caso da ponte de Ucanha sobre o rio Varosa em Tarouca, onde a torre se mantém intacta, ao contrário de outras pontes como a de ponte de Lima, a de Sequeiros e a da Ajuda onde se notam alguns vestígios.

A preocupação pela construção de pontes na Idade Média era a sua implantação em pequenos itinerários favorecendo a ligação entre as cidades e o campo, entre os locais de peregrinação e as cidades e aldeias.

Na Idade Média, a cultura ficou como que encerrada nos mosteiros e a construção e manutenção de estradas e pontes era quase de


exclusiva competência das ordens religiosas. Exemplo típico desta situação era o caso da Ponte de Ucanha e do Mosteiro de Salce-te que lhe fica próximo.

**V** Num trabalho elaborado pelo autor e publicado em 1997, as pontes antigas classificadas no nosso país distribuíam-se do modo seguinte: 26 como monumento nacional, 59 como imóvel de interesse público e 9 como imóvel de valor concelhio.

Sabemos que este número foi aumentado nestes últimos cinco anos, trabalho este que vem sendo feito pela Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais.

O maior número de pontes antigas ou medievais situa-se no norte de Portugal e já no século XVI, conforme o historiador João de Barros refere na sua *Géographie d'Entre Douro-e-Minho e Trás-os-Montes* (Porto, 1919):

"As pontes mais principais desta comarca são as seguintes: a de Ponte do Lima, a de Prado, a do Porto que está assima desta do Prado, a ponte de Barcelos, a de Chaves, a de Cavez, a de Mondim, a de Canavezes, a de Lagoncinha, a do Ave, e de Cervas, a de Donim, a dos Arcos e outras muitas que alguns estimarão em duzentas(...)".

Do que acaba de referir-se resulta que ainda é grande o nosso património cultural e artístico no que se refere a pontes antigas classificadas ou ainda por classificar, património que há que preservar, mantendo o que ainda está em bom estado de conservação e beneficiando ou recuperando o que se está degradando. São verdadeiros marcos históricos e culturais do nosso passado que a história nos legou e que devemos saber transmitir às gerações vindouras. 

**ANÍBAL AURÉLIO PINTO SOARES  
RIBEIRO - Engenheiro civil**